



UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
CAMPUS DE SOBRAL
CURSO DE PSICOLOGIA

HAYSSA STEPHANIER PRADO DO NASCIMENTO

**AS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS E AS RELAÇÕES DE ESTIGMATIZAÇÃO
SOBRE OS USUÁRIOS DE MACONHA**

SOBRAL
2017

HAYSSA STEPHANIER PRADO DO NASCIMENTO

AS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS E AS RELAÇÕES DE ESTIGMATIZAÇÃO SOBRE
OS USUÁRIOS DE MACONHA

Monografia apresentada ao curso de Psicologia da Universidade Federal do Ceará, *Campus* de Sobral, como requisito parcial para a obtenção do título de graduada em Psicologia.

Orientadora: Dra. Francisca Denise Silva do Nascimento

SOBRAL

2017

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Universidade Federal do Ceará
Biblioteca Universitária

Gerada automaticamente pelo módulo Catalog, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

N195r Nascimento, Hayssa Stephanier Prado.
As representações Sociais e as Relações de Estigmatização sobre os Usuários de Maconha / Hayssa Stephanier Prado Nascimento. – 2018.
41 f. : il. color.

Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) – Universidade Federal do Ceará, Campus de Sobral, Curso de Psicologia, Sobral, 2018.
Orientação: Prof. Dr. Francisca Denise Silva do Nascimento.

1. Estigma, Representações Sociais, Maconha. I. Título.

CDD 150

HAYSSA STEPHANIER PRADO DO NASCIMENTO

AS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS E AS RELAÇÕES DE ESTIGMATIZAÇÃO SOBRE
OS USUÁRIOS DE MACONHA

Monografia apresentada ao curso de Psicologia da Universidade Federal do Ceará, *Campus* de Sobral, como requisito parcial para a obtenção do título de graduada em Psicologia.

Orientadora: Dra. Francisca Denise Silva do Nascimento

Aprovada em: ____/____/_____.

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Francisca Denise Silva do Nascimento (Orientadora)

Universidade Federal do Ceará (UFC)

Profa. Dra. Camilla Araújo Lopes Vieira

Universidade Federal do Ceará (UFC)

Prof. Dr. Paulo Henrique Dias Quinderé

Universidade Federal do Ceará (UFC)

AGRADECIMENTOS

A Deus, primeiramente, por me proporcionar o impulso e a força que precisava para superar as dificuldades de escrita deste trabalho.

À esta Universidade, seu corpo docente e colegas de classe, que possibilitaram as reflexões críticas, aprendizados e crescimento tanto no âmbito acadêmico como pessoal.

À minha orientadora, Denise, por respeitar sempre meu momento, entender minhas limitações e acreditar no trabalho ao qual fui capaz de realizar, além da disposição e atenção de tentar sempre corrigi-lo a tempo de poder apresentar. Assim como pela ótima profissional e pessoa que ela é.

Aos meus pais, Gélia e João, pelo amor, cuidado, incentivo e apoio incondicional, por sempre acreditarem que sou capaz e por fazer das minhas realizações o motivo de suas lutas diárias. Meu muitíssimo obrigada!

À minha irmã, Letícia, por todo companheirismo, por me escutar sempre e pela ajuda de estudar os seminários e apresentações.

A minhas amigas de graduação, Lúryan, Kerolayne e Samille, pelo companheirismo e ajuda mútua de sempre, por dividirem as mesmas alegrias e frustrações, por permanecerem ao meu lado do início ao fim de toda a graduação e que fizeram esses cinco anos passarem de forma mais afável.

A minhas amigas de colégio e de coração, “Nozzys”, que me acompanham desde a escola e que continuam até hoje, que sempre me apoiaram em meu percurso acadêmico, acreditaram em meu potencial e almejaram este momento tanto quanto eu.

RESUMO

O presente estudo vem com a intenção de transcorrer sobre as relações que são estabelecidas entre usuários e não usuários de maconha, tendo como perspectiva as percepções de ambos sobre a droga e seu usuário. Com isso, pretendeu-se procurar analisar como são construídas e perpassadas as Representações Sociais em torno dessa questão e de como estas possibilitam a formação de estigmas que geram os processos de estigmatização, e que existem no meio social como um todo; tendo como localidade e fonte de pesquisa, sujeitos residentes e inseridos na realidade da cidade de Sobral/CE. Procurando perceber as visões acerca do uso e usuário da maconha, foram realizadas, como metodologia para coleta de dados, entrevistas semiestruturadas e observações participantes tanto aos não usuários quanto aos próprios usuários da substância, que se deu a sujeitos de a partir de 18 anos de idade, incluídos nas diversas classes sociais. Nesse sentido, adotou-se conceitos como Estigma e Representações Sociais, a partir de autores como Minayo, Jodelet, Moscovici, Goffman, para buscar uma análise e compreensão mais aprofundada sobre como se configuram as percepções e ideais acerca da questão e, com isso, procurou-se promover reflexões sobre como a maconha é concebida enquanto droga, traçando assim seu contexto histórico no Brasil e comparando com a realidade atual, a qual estamos inseridos, buscando perceber como estes fatos podem ter influência para a construção das RS e relações de estigmatização. Neste sentido, o que foi possível encontrar no campo abordado, foi a concretização das representações sociais sobre esses sujeitos usuários, que se perfizeram com categorizações desfavoráveis gerando o processo de estigmatização.

Palavras-chave: Estigmatização. Representações Sociais. Maconha. Usuários.

ABSTRACT

The present study comes with the intention of going through the relations that are established between users and non-users of marijuana, taking as perspective the perceptions of both on the drug and its user. In this way, we intend to analyze how the Social Representations, from authors such as Minayo, Jodelet, Moscovici, Goffman, are built and passed around this issue and how they enable the formation of stigmas that generate the stigmatization processes that exist in the social environment as a whole; taking as locality and source of research, resident subjects inserted in the reality of the city of Sobral / CE. Trying to perceive the visions about the use and user of marijuana, semi-structured interviews and participant observations were carried out as methodology for data collection, both for non-users and for the users of the substance, given to subjects from 18 years of age onwards, included in several social classes. In this sense, concepts such as Stigma and Social Representations were adopted to seek deeper analysis and comprehension of how are configured the perceptions and ideals about the question and, with this, we sought to promote reflections about how marijuana is conceived as a drug, tracing its historical context in Brazil and comparing with the current reality which we are inserted, seeking to perceive how these facts can influence the construction of SR and stigmatization relations. In this sense, what was possible to find in the field addressed was the concretization of the social representations about these users subjects, who were performed with unfavorable categorizations generating the stigmatization process.

Keywords: Stigmatization. Social Representations. Marijuana. Users.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	9
2 METODOLOGIA.....	12
3 DROGAS NA HISTÓRIA	16
3.1 História da Maconha.....	17
4 CONCEITOS SOBRE REPRESENTAÇÕES SOCIAIS.....	22
4.1 Representações Sociais sobre o uso da maconha	23
5 ESTEREÓTIPOS SOBRE OS USUÁRIOS DE MACONHA.....	28
5.1 O estigma do maconheiro e o sentimento de exclusão	29
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS	33
REFERÊNCIAS	35
APÊNCICES	39

1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho se desenvolve com foco nas percepções acerca do uso recreativo da maconha e de seu usuário, bem como do público não usuário. Nesse sentido, este se esforça em verificar se e como as representações sociais, que são coletivas, constroem uma determinada forma de categorização que poderia levar a uma estigmatização em torno dessa questão e desses sujeitos usuários, procurando observar, assim, de que modo isso tende a afetar ou não suas vidas.

Diante desta premissa, a partir do contato inicial com esse público que utiliza a substância, o que fora apreendido em seus discursos se caracterizou pelo fato de que muitos sujeitos sentiam-se avaliados pelo “*outro*”, de uma forma inferior, uma vez que, ao ser descoberto o fato de que eram usuários, passavam a sentir-se discriminados e com suas identidades afetadas e estereotipadas por este fato.

O que se pode observar é que enquanto os usuários, - “maconheiros” como são rotulados por esse “*outro*” não usuário- têm o uso da substância e a própria substância em questão como algo normal no cotidiano, em contrapartida, os que não usam e/ou não conhecem rotulam o uso e atribuem ao usuário caracterizações que os desfavorecem socialmente.

Neste sentido, acredita-se que as diferentes percepções, consideradas em geral destoantes entre si, podem trazer entraves no modo como são tratados esses sujeitos que utilizam a substância, bem como a construção de representações sociais desfavoráveis, uma vez que, para Durkheim *apud* MINAYO 2008, p. 220, “algumas representações sociais, mais que outras, exercem, sobre uma sociedade específica, uma peculiar coerção para que seus membros atuem em determinado sentido”, com isso abrindo possibilidades para que se gere uma discriminação com proporções mais amplas, como, por exemplo, produzindo um estigma. Vale destacar que tal “estigma existe quando elementos de rotulação, estereotipação, separação, perda de status e discriminação ocorrem simultaneamente em uma situação de poder que permite tais componentes acontecerem”. (LINK & PHELAN, *apud* SIQUEIRA & CARDOSO, 2011, p. 97).

Isso caracteriza um quadro em que, uma vez que “em termos globais de consumo, sabe-se que a maconha é a droga mais utilizada dentre os usuários de substâncias ilícitas” (OMS *apud* SOUSA, 2006; UNODC, 2011, p.19) e que essa é a substância ilícita mais consumida no mundo atual, torna-se fundamental compreender como se produzem os possíveis estereótipos que dizem do conceito de representações

sociais, assim como também torna-se relevante tentar perceber como a possível discriminação exercida pelo motivo de seu uso é embasada, de acordo com as percepções e relações sociais que perpassam a história social da maconha e se referem aos dias atuais, bem como os efeitos desta (discriminação) têm impacto direto (ou não) na vida dos sujeitos que a utilizam.

“Logo, torna-se relevante a problematização dessa temática, para que o jovem possa construir formas singulares de cuidado e de relação com as drogas ao longo de sua vida” (FIGUEIREDO, 2011 *apud* SOUZA, SOUZA, DAHER & CALAIS, 2015, p. 67), de forma que a Psicologia, enquanto prática, se insira nesse contexto, possibilitando a compreensão de uma das questões que estão efetivamente presentes na vida de pessoas e de possíveis usuários de serviços de psicologia e mesmo dispositivos de saúde.

Com isso, o trabalho realizado se deu na cidade de Sobral/Ce, com um público na faixa etária a partir de 18 anos de idade, pois fora considerado que limitar uma idade final poderia limitar as diversas percepções que decorrem de cada fase a qual passa o sujeito; o público variou entre pessoas do sexo masculino e feminino, entre usuários e não usuários de maconha, e cuja renda mensal salarial teve a intenção de ser variante entre o que se enquadrava entre as classes A, B, C, D e E.

A metodologia fora de cunho qualitativo com a utilização de entrevistas semiestruturadas e observações participantes, ambas aplicadas e gravadas em áudio e realizadas em um período aproximado de dois meses. Utilizou-se os conceitos de Representações Sociais para analisar o conteúdo que fora apreendido da ida à campo, uma vez que levam em consideração a realidade social daquilo que está sendo pesquisado, analisando os fatos em suas relações com o social e tendo como material as condições da sociedade em relação ao indivíduo e, dessa forma, considerando a presente pesquisa como qualitativa, além de utilizar também os conceitos de estigmatização. Sabendo também que as Representações Sociais se constituem não somente como um fenômeno, mas método de analisar a realidade; assim sendo, “a teoria das representações sociais tem-se uma história diferente, que questiona ao invés de adaptar-se, e que procura o novo, lá mesmo onde o peso hegemônico do tradicional impõe as suas contradições” (GUARESCHI, JOVCHELOVITCH, 1995 *apud* SANTOS & DIAS, 2015, p. 182).

Destarte, trataremos nos capítulos a seguir questões sobre a *História da maconha*, trazendo referências da história dessa substância e de como esta vem carregada de um percurso caracterizado de preconceito e estereótipos. Buscamos perceber e

salientar como há resquícios ainda dessa configuração passada em nossa contemporaneidade.

No capítulo “*Representações sociais sobre o uso da maconha*”, trataremos da definição de RS e analisaremos como são caracterizadas as representações que partem de um coletivo e se designam pelas relações sociais que são modificadas – e deterioradas - a partir do momento em que a rotulação destes sujeitos como “maconheiros”, por exemplo, é dada. Com isso, falar em *Cannabis* refere-se a uma discussão antiga, à qual diversos segmentos institucionais, seja família entendida também como sociedade civil, escola, igreja, Estado, e a própria mídia como um meio “institucional”, inclinam-se a ter concepções prontas que tendenciam a caracterizá-la como algo nocivo.

Em “*Estereótipos sobre os usuários de maconha*”, serão trazidas as percepções propriamente ditas do social e que provém dos não-usuários sobre o usuário de maconha, bem como as prováveis rotulações que lhes são dadas, como forma de perceber como se configuram as representações e estereotipações empregadas sobre o sujeito em questão.

Por fim, no capítulo “*O estigma do maconheiro e o sentimento de exclusão*”, essas estereotipações e categorizações vindas do “outro” serão tratadas de forma a perceber como de fato se concretizam no imaginário coletivo social e como tais convicções podem fomentar a uma estigmatização e afetar o sujeito em sua identidade. Com isso, há a necessidade de trazer, para a discussão deste capítulo, noções de estigma, como forma de perceber como ações que evidenciam apenas o fato do sujeito ser um usuário de maconha, exclui todos os outros atributos deste indivíduo, que não se limita a ser apenas um ser consumidor de uma droga, e passivo de um “vício”, mas ativo de sua própria história e que faz suas próprias escolhas.

2 METODOLOGIA

O desejo impulsionador de pesquisar tal tema deve-se ao fato de uma considerável aproximação proporcionada à pesquisadora, uma vez que o contato com usuários de maconha ultrapassou as meras ilustrações e representações encontradas no mundo como senso comum. Nesse sentido, foi possível perceber a grande diferença que havia entre os discursos que se podem ouvir nos contextos sociais em geral e o que de fato é vivenciado por estes usuários que foram tidos como experiência e norteadores do percurso nesta pesquisa. Além disso, conforme fora vivenciando tais fatos, também sentia-se muito próximos os discursos, de certa forma, alienadores de uma outra parcela que mantinham ideias e percepções que não condiziam com o experienciado dentro do contexto dos usuários. Assim, o estímulo para a realização da pesquisa se deu por tentar procurar e analisar melhor o que há por trás dessas duas esferas distintas que são os usuários e não-usuários da substância, observando o que dizem a respeito de seu uso.

Uma vez que o público ao qual se pretende pesquisar trará como características seu modo subjetivo, concepções, caracterizações, indagações, ao lidar com a realidade em questão, a pesquisa se faz sobre o caráter de pesquisa qualitativa, pois a intenção é averiguar e interpretar esses dados já postos em nosso campo como forma de visualizar o contexto e compreender o processo social e as implicações das percepções dos sujeitos aí envolvidos. Com efeito, a pesquisa qualitativa “tem por objetivo traduzir e expressar o sentido dos fenômenos do mundo social; trata-se de reduzir a distância entre indicador e indicado, entre teoria e dados, entre contexto e ação.” (MAANEN *apud* NEVES, 1996, p. 01). Tendo isso em vista, esta pesquisa almeja compreender de forma mais ampla o fenômeno de estudo em questão a partir da análise das Representações Sociais e Estigma em torno do usuário de maconha.

Além disso, utilizar no referencial e na metodologia Representações Sociais possibilita uma melhor compreensão da realidade social ao qual se estuda, com isso, podemos elucidar que sua categoria “é central para a prática da pesquisa qualitativa tanto para a realização de entrevistas como para observação de campo.” (MINAYO, 2008, p. 236)

Tendo em vista que já fora estabelecido um contato familiarizador com o grupo ao qual é pretendido pesquisar, e que isto já se caracterizou como certa abertura para possíveis questionamentos empíricos, dentro da abordagem qualitativa, o

delineamento desta pesquisa pretendeu-se partir da aplicação de entrevistas semiestruturadas inicialmente, a fim de poder apreender a percepção de cada sujeito, a partir da temática da pesquisa e buscar os pontos comuns e incomuns entre estes, que fazem parte de um agrupamento coletivo: usuários de maconha.

A escolha do público usuário de maconha deve-se ao fato do interesse inicial sobre a existência de uma suposta relação de estigma sofrida por este público em relação aos estereótipos criados de suas identidades, sendo estes formados pelo meio social e contexto ao qual estão inseridos. Estas questões foram percebidas inicialmente nos contatos obtidos - tanto a estes sujeitos quanto aos não usuários - informalmente e anterior à elaboração da pesquisa.

Outro fato tem como propósito a busca de uma melhor compreensão das percepções desses sujeitos sobre a maconha, sobre seu uso e de como se sentem em relação à possível concepção negativa de um *outro* coletivo que o intersecta. Foi tido isso em vista, pois uma das suposições que se levantara era a respeito do modo como eram vistos por este outro público. Neste sentido, então, torna-se uma necessidade indispensável a investigação da visão/percepção também no que tange esse *outro*, os não usuários de maconha, como forma de investigar fatores que de fato se fazem presentes em seus discursos e identificar como são dirigidos à outra parcela das pessoas em questão.

Com isso, percebendo um índice consideravelmente crescente e/ou manifesto do uso da maconha por jovens na cidade de Sobral/CE e entendendo que tal “estigma” com relação à maconha e seu usuário tem uma relação estreita com um histórico dos usos feitos pelas *raças* consideradas inferiores no Brasil, além disso, sabendo que “tais ‘mercadorias’ são vendidas tanto em portas de colégios e de grandes *shoppings centers* como nos morros/favelas — o que nos autoriza a dizer que se trata de um produto aparentemente ‘democrático’, haja vista que atinge todas as classes sociais e econômicas” (RIBEIRO, 2009, p. 334), pretende-se, assim, investigar estes sujeitos, que se inserem desde as classes altas até as classes mais desfavorecidas - estabelecendo como critério de classificação de classes sociais o que se encontra disponível no endereço eletrônico da *Datos Marketing Direto*, que utiliza os dados obtidos através de sistemáticas pesquisas em fontes de domínio público, com fundamentação dos dados do IBGE. A classificação foi a seguinte: Classe Social A = Renda mensal superior a 15 salários mínimos; Classe Social B = Renda mensal de 05 a 15 salários mínimos; Classe social C = Renda mensal

de 03 a 05 salários mínimos; Classe Social D = Renda mensal de 01 a 03 salários mínimos; Classe social E = Renda mensal de até 01 salário mínimo.

Contudo, delimitou-se a realização da pesquisa a sujeitos a partir de 18 anos de idade (considerados na vida adulta), uma vez que “a adultez, fenômeno do desenvolvimento humano, apresenta-se com novas responsabilidades, em novos referenciais de existencialidade, em novas conquistas, em busca de um maior entendimento desta importante e mais abrangente etapa da vida humana.” (SANTOS, ANTUNES, 2007, p. 150), como forma de explorar nessa fase, além das tidas conceituações sobre maconha de um público com ideais possivelmente formados, também, as relações entre responsabilidade, autonomia e o uso dessa substância, dando voz ao sujeito de expressar-se e realizando as entrevistas nos campos que foram de melhor acesso para os informantes.

Nesse sentido, estabeleceu-se compromisso prévio sobre a realização da pesquisa com os sujeitos via contato telefônico e, mais adiante, houve a realização de entrevistas semiestruturadas, pois entende-se que por meio desse método é possível alcançar uma melhor percepção das respostas e das interações que não são verbais, além da condução deste tipo de entrevista permitir identificar a partir da fala dos sujeitos usuários, considerando o fato de dar voz a esse sujeito, como suas formas de significações a respeito do uso da maconha vão de encontro com as de sujeitos que provavelmente fazem parte de seu convívio mas não praticam a mesma conduta;

Foi assegurado o anonimato dos participantes da pesquisa e explicado que se tratava de participação voluntária, além da entrega do termo de consentimento livre e esclarecido a cada um dos participantes, sendo assinados uma via para os mesmos e outra para a pesquisadora. A amostra de participantes foi escolhida de forma randomizada, através da indicação de conhecidos que passaram o contato telefônico com a devida permissão, e assim, estabelecida a contactação.

A disposição das informações dos participantes das Entrevistas estão detalhadas a seguir:

a) Usuários de maconha - Total de 06 (seis) participantes:

- Sendo todos os entrevistados acima de 18 anos de idade, 04 (quatro) do sexo masculino e 02 (dois) de sexo feminino; com 02 (dois) incluídos na Classe Social **C** e 04 (quatro) incluídos na Classe Social **D**.

b) Não usuários de maconha - Total de 06 (seis) participantes:

- Sendo todos os entrevistados acima de 18 anos de idade, 04 (quatro) do sexo feminino e 02 (dois) de sexo masculino; com 05 (cinco) incluídos na Classe Social **C** e 01 (um) incluído na Classe Social **D**.

Entretanto, percebendo de alguns participantes, no decorrer da aplicação das entrevistas, certa sistematização em algumas de suas falas e formas de expressão que demonstram restrição e cuidado ao se expor, decidiu-se realizar a prática da observação participante com mais dois sujeitos, sendo estes não usuários. Entende-se assim que

A observação participante, ou observação ativa, consiste na participação real do conhecimento na vida da comunidade, do grupo ou de uma situação determinada. Neste caso, o observador assume, pelo menos até certo ponto, o papel de um membro do grupo. Daí por que se pode definir observação participante como a técnica pela qual se chega ao conhecimento da vida de um grupo a partir do interior dele mesmo. (GIL, 2008, p. 103)

Da mesma forma que anteriormente, a disposição das informações dos participantes das Observações Participantes estão detalhadas a seguir:

a) Usuários de maconha - Total de 0 (zero) participantes.

b) Não usuários de maconha - Total de 02 (dois) participantes:

- Sendo todos os participantes, acima de 18 anos de idade, com todos incluídos na Classe Social **D**, sendo 01 (um) do sexo feminino e 01 (um) do sexo masculino.

Nesse contexto, “a interação é a condição da pesquisa. Não se trata de um encontro fortuito, mas de uma relação que se prolonga no fluxo do tempo e na pluralidade dos espaços sociais vividos cotidianamente (...) que abrangem o mundo público e o mundo privado da sociedade em geral” (ROCHA; ECKERT, 2008, p.03).

Além do mais, para além de pesquisadores, mas como psicólogos, é preciso analisar mais precisamente os contextos em que tal “droga” se insere e utilizar-se de um exercício de reflexão para buscar entender como esta se torna uma questão complexa e como pode influenciar as relações sociais de maneira negativa e/ou até danosa. Para isso, busca-se, como explicita ROCHA e ECKERT (2008), a “esta aprendizagem de olhar o Outro para conhecê-lo, e ao fazermos isto, também buscamos nos conhecer melhor.” (p.04)

3 DROGAS NA HISTÓRIA

O uso de drogas se caracteriza por ser um fenômeno em nossa sociedade contemporânea ao qual carrega diferentes aspectos ao longo da história, desde aqueles relacionados a formas de transcendência, formas recreativas, medicamentosas, religiosas, culturais, entre muitas outras. Eram diversos os motivos e legitimações do uso de inúmeras substâncias que são consideradas drogas.

“O homem sempre se relacionou com as drogas por razões culturais, religiosas, como forma de recreação, de enfrentamento de problemas existenciais, para transgredir, transcender, como meio de socialização ou de isolamento” (OLIVEIRA, 2007, p. 19). Para tanto, ao contrário do que temos no Brasil hoje, “(...) drogas como a maconha, a coca e o ópio tiveram o seu uso cultural de forma milenar, sendo passíveis de controles sociais e servindo também para estabelecer coesão social.” (QUINDERÉ, 2013, p.32).

Sabemos que o uso de drogas é comum nas sociedades, desde a pré-história e que, por muito tempo, se faz uso dessas substâncias em rituais e ocasiões comemorativas, assim como, para uso medicamentoso de controle de doenças. O álcool, por exemplo, é uma droga que sempre esteve presente no cotidiano das sociedades, porém, como afirmam Pratta e Santos (2009), o uso das drogas segue a evolução cultural, assim como o uso do álcool na Idade Média foi limitado aos rituais presentes na Igreja, hoje ele se faz presente tanto como fator de divertimento como um problema social, em casos de dependência. “O que diferencia o uso das drogas no passado e o uso atual, é que este deixou de ser um elemento de integração, um fator de coesão social e emocional da população, passando a constituir-se num elemento de doença social, de desintegração” (PRATTA & SANTOS, 2009, p 207).

É inegável que as drogas sempre existiram e, para além de fazer parte de contextos variados, elas assumiam e ainda hoje assumem também variados papéis e funções na sociedade. Não só por seus efeitos no organismo humano, mas também por influência desses papéis é que o conceito de droga é formado. A folha da coca, de nome científico é *Erythroxylum coca*, por exemplo, é muito utilizada nos Andes. Ela

é consumida na forma medicamentosa, quando seu sumo é ingerido para tratar problemas digestivos. Também é vista como solução para problemas de hipoglicemia e má absorção de carboidratos contra o mal da altura ou sorochoje entre os camponeses que vivem em um ambiente adverso na serra andina. É utilizada, ainda, como um bem mágico e religioso, para o fim de oferendas aos espíritos ancestrais. O acullico, ou seja, o ato de mascar a coca, completa diversos significados em um único ato de consumo. (BOITEUX; CHERNICHARO, 2010, p. 05)

Apesar disso, por ser matéria-prima da cocaína, é uma das que estão inseridas na lista de substâncias proibidas. O que podemos perceber é que ao longo dos anos conceitos e atribuições dadas às drogas eram construídos e transformados exatamente através dos tipos de percepções e questões às quais estavam envolvidas, ou seja, dependia do contexto social e cultural aos quais estavam inseridas, também dependiam de fatores relacionados aos quais as pessoas utilizavam e os motivos pelos quais se fazia esse uso. Com isso, o que se torna necessário enfatizar é que

muito mais do que definições e compreensões meramente bioquímicas, estas substâncias precisam ser compreendidas dentro de um sistema de sentidos e de significados na sua relação com os seres humanos nas suas mais diversas contextualizações socioculturais. (QUINDERÉ, 2013, p.33).

Tendo isso em vista, podemos resgatar do saber da psicanálise que, ao fato de termos que suportar o fardo do desenvolvimento das civilizações e necessitarmos ai realizar sacrifícios a dispositivos inerentes ao ser humano, encontramos nas drogas, por exemplo, uma forma de medida paliativa para evitar tais sofrimentos decorrentes deste fato, em que recebemos assim sensações ao nosso organismo capazes proporcionar uma diversão a mais ao sujeito, ou mesmo de aliviar o fardo e suportar o mal-estar. (FREUD *apud* RIBEIRO, 2009, p. 02)

O conceito de droga, para a OMS é constituído por “toda substância capaz de exercer um efeito sobre o organismo, como por exemplo, um analgésico. São agentes naturais ou sintéticos, e como não são produzidos pelo organismo, quando administrados por qualquer via, tem a propriedade de atuar sobre um ou mais de seus sistemas, produzindo alterações em seu funcionamento” (OMS *apud* DIAS; PINTO et al, 2006 NISCATRI, 2006). Dessa forma, considerar apenas efeitos fisiológicos, sensoriais, funcionais, biológicos, exclui todas as outras perspectivas e condições às quais relacionam a droga e o seu efeito no contexto de um sujeito. É portanto, nesse sentido, que hoje, a droga assume um caráter que tem relação com a perspectiva de uma problemática social, uma vez que está atrelada a conceitos de disfunção do organismo, e por seu uso ser atrelado a formas não naturais.

3.1 História da Maconha

“Maconha” é o nome popular e mais usual, no Brasil, para referir-se à *Cannabis*, uma planta de uso, cultivo e comercialização ilegal em uma grande parte dos países, inclusive no nosso, mas utilizada hoje com fins recreativos, medicinais, culturais

e até mesmo espirituais. A planta, que tem, em relação ao seu cultivo, facilidade de adaptação a diversos solos, faz parte da história de diversas regiões e países do mundo.

Dentre os efeitos psicoativos mais comumente percebidos e relatados estão: mudanças emocionais, como euforia e relaxamento; alterações perceptivas, como distorção do tempo e aguçamento das experiências sensoriais; percepção de maior criatividade e autoconfiança (BORDIN *apud* SOUSA et al, 2010; OMS, 2006, p.19)

Utilizada desde os primórdios a.C., principalmente na China com fins medicinais, ela vem a fazer parte do histórico do Brasil no tocante mesmo ao seu descobrimento, em que as propriedades do cânhamo, derivado da *Cannabis*, outra denominação para a maconha, eram utilizadas no feitio das velas e cordas das caravelas portuguesas que seguiram para cá, nos primeiros anos de colonização, além também do cânhamo ter começado a ser empregado na produção de papel e tecido. Com isso, Portugal instalou aqui por volta da década de 80, fazendas com o plantio da erva, com o propósito de responder à demanda de mercado dos derivados da planta. Já podemos perceber a existência de um interesse econômico por parte do governo que se relacionava com o cultivo de tal substância.

Todavia, sua vinda para cá como forma de sementes para o “fumo” se deu a partir da chegada dos escravos africanos, que as traziam nas viagens pelos portugueses, e passavam a utilizá-la aqui como uma forma de fincar suas identidades e exercer o que constituía suas próprias culturas. A partir de então, “o seu uso disseminou-se rapidamente entre os negros escravos e nossos índios, que passaram a cultivá-la” (CARLINI, 2005, p. 314). Esse tipo de uso tinha evidentemente atribuições negativas por fazer parte da realidade de subordinados e escravos, e para tanto, vale ressaltar que em um contexto em que negros e índios eram vistos como “camadas” inferiores da sociedade, a consideração da maconha como tal não poderia ser diferente. Portanto, “pouco se cuidava então desse uso, dado estar mais restrito às camadas socioeconômicas menos favorecidas, não chamando a atenção da classe dominante branca.” (CARLINI, 2005, p. 315).

Pode-se dizer que se verifica uma associação muito forte do uso da *Cannabis* entre a origem e prática social do hábito de fumar que concerne aos negros, africanos, escravos, indígenas e que fomenta a formação de uma população caracterizada como pobre e/ou desfavorecida como um tipo de camada da sociedade brasileira, havendo assim uma tentativa de controle desses grupos por parte do estado, como forma de evitar a dominação da prática por esses escravos.

A partir daí, a história do uso maconha se desdobra e se estende a várias esferas socioeconômicas, tanto em camadas mais como menos favorecidas. Sugasti, 2013, traz: “Fiore (2007) acredita que a associação entre o uso de maconha e a cultura negra pode ser interpretada como mais um dos motivos que levaram à sua proibição definitiva no Brasil em 1930.”

Concomitantemente, as feitorias de plantio deixam de existir após as primeiras proibições da *Cannabis* que datam de meados de 1921, até a sua proibição na II Conferência Internacional do Ópio, realizada em 1924, período em que – coincidentemente - as técnicas de produção de papel e tecido através do cânhamo, por exemplo, eram substituídas por outras “mais avançadas”.

No entanto, o uso da maconha continuou sendo disseminado ilicitamente nas diversas ramificações sociais. Inclusive, em meados da década de 70, em meio ao contexto de revolta entre a juventude da época para alcançar mudanças sociais no país, a maconha era uma das drogas utilizadas:

Nos anos 70, este setor da população apresentava-se como uma nova “classe perigosa” não só devido ao movimento guerrilheiro, mas também devido à resistência cultural que se disseminou largamente entre esses jovens depois da derrota da luta armada. A ameaça que representavam advinha do fato de ser entre eles que se tornavam mais evidentes as conseqüências das portentosas mudanças sociais pelas quais passava a nação. Eram os jovens que mais levantavam questões sobre temas relacionados à educação, emprego, sexualidade, etc. (MACRAE; SIMÕES, 2003, p. 03)

Em face de um quadro social em que é possível perceber o uso cada vez mais comum, ou talvez mais perceptível, da maconha, no Brasil e na realidade da nossa sociedade de uma forma geral, esse fator não quer dizer somente do quanto seu uso pode ter aderido uma maior aceitação ou representatividade, mas consideravelmente como também pode ter aumentado o fator discriminatório por parte dos não usuários sobre os usuários, apesar e independente mesmo de classes sociais.

Com isso, o que podemos observar com frequência, em nossa contemporaneidade, apesar do significado de “maconheiro” no dicionário ser apenas o de alguém que consome maconha, é a rotulação social desta palavra associada à uma pessoa que não só faz o uso da substância, como o que aparece no dicionário, mas sendo aquela que possui atributos que a caracterize como alguém de má índole e marginalizada. Podemos refletir então como essa caracterização faz parte do fenômeno de Representações Sociais, em que Jodelet define como “forma de conhecimento, socialmente elaborada e partilhada, com objetivo prático, e que contribui para a

construção de uma realidade comum a um conjunto social” (JODELET, 2011 *apud* WACHELKE; CAMARGO, 2007, p. 380)

Mesmo citando contextos em que seu uso varia para além de formas de recreação, mas como medicamento ou até matéria prima de diferentes artigos industriais, é percebido um receio do uso das funções que constituem a planta por parte de um social, que se solidifica nas percepções e impressões de um histórico de preconceito da droga. Com efeito, BRANDÃO (2014) cita: “as normas proibitivas têm gerado efeitos perversos e contrários a descoberta de aspectos positivos deste vegetal.” (p.01)

Tendo isso em vista, o que se percebe hoje é que “mais do que uma planta com propriedades psicoativas, a maconha é um objeto construído simbolicamente ao longo da história” (SOUSA, 2013, p. 20), o que se justifica, ao verificar que a categorização da maconha como uma substância que provoca alterações ao organismo do sujeito, portanto sendo denominada “droga”, causa mais pavores do que o uso do denominado “medicamento” Rivotril, por exemplo, que também ocasiona alterações e efeitos considerados potentes, percebendo o quanto sua história carrega determinadas obstinações. Sobre a relação do uso da *Cannabis* e a presença de uma dependência:

(...) essa dependência de ordem física nunca se verifica nos indivíduos que se servem de maconha. Em centenas de observações clínicas, desde 1915, não há uma só referência de morte em pessoa submetida à privação do elemento intoxicante, no caso da resina canábica. No Canabismo não se registra a tremenda e clássica crise de falta, acesso de privação (sevrage), tão bem descrita nos viciados pela morfina, pela heroína e outros entorpecentes, fator este indispensável na definição oficial de OMS para que um droga seja considerada e tida como toxicomanógena (MINISTÉRIO DE RELAÇÕES EXTERIORES, 1959, *apud* CARLINI, 2005)

Nesse seguimento, também “percebe-se a sua vinculação a outros elementos, como a criminalidade e a construção da maconha como forma de destruição da vida de quem a utiliza.” (SOUSA, 2013, p. 103). Com isso, falar em *Cannabis* refere-se a uma discussão antiga, à qual diversos segmentos institucionais, seja família entendida também como sociedade civil, escola, igreja, Estado, inclinam-se a ter concepções prontas que tendenciam a caracterizá-la como algo nocivo. Podemos concluir: Para além dos riscos fisiológicos, o que realmente ameaça na maconha são as fantasias associando o uso a determinados modos de vida (FERREIRA; SOUZA; FILHO *apud* SUGASTI, 2007).

Diante disso, uma das questões que podemos trazer para discussão está presente em uma das falas de um dos entrevistados, C. M. F. S. (21 anos), quando perguntado “Como você vê/acha/avalia a vida de alguém que utiliza maconha?": “(...) *eu acho que é uma vida normal (...) tem muitos famosos que usam, já afirmaram que usam*

e eu acho que a vida deles são normais, eu não vejo ninguém viciado, todo mundo tem uma carreira estável, pelo que eu vejo.”

O que podemos perceber é que há uma referência até mesmo explícita de que a noção de normalidade faz parte de um arranjo existente, em que o sujeito é bem sucedido e que de certa forma possui um renome/status na sociedade – ao contrário de um sujeito que poderia ter outro estilo de vida com interesses diferentes - e que portanto pode, justificado por esse arranjo, o uso da maconha ser considerado indiferente e até aceitável. Segundo Goffman (2004),

A sociedade estabelece os meios de categorizar as pessoas e o total de atributos considerados como comuns e naturais para os membros de cada uma dessas categorias: Os ambientes sociais estabelecem as categorias de pessoas que têm probabilidade de serem neles encontradas. As rotinas de relação social em ambientes estabelecidos nos permitem um relacionamento com "outras pessoas" previstas sem atenção ou reflexão particular. Então, quando um estranho nos é apresentado, os primeiros aspectos nos permitem prever a sua categoria e os seus atributos, a sua "identidade social" - para usar um termo melhor do que "status social", já que nele se incluem atributos como "honestidade", da mesma forma que atributos estruturais, como "ocupação". (p. 05)

Podemos ressaltar, ainda a fala de mais dois participantes da pesquisa, que concluem: *“As minhas amigas que não fumam, algumas amigas da época de escola, que não fumam, tiram onda comigo. Alguns podem me achar talvez ahh aquela que não quer nada com a vida, é a maconheira, só quer andar com vagabundo, isso por não ter contato com a minha vida.”* (L. C. M., 20 anos) e *“Com certeza tem o preconceito, dizem que não são ninguém, que são vagabundo, não sei o que”* (J. C. A., 23 anos).

Assim, em um contexto em que negros e índios eram tidos como “posições” inferiores diante dos grandes senhoris, a consideração da maconha como tal também não poderia ser diferente. Com isso, percebemos que certos reflexos de um passado marcado por diferenciações sociais respingam ainda hoje nos modos de pensar da sociedade, uma vez que esta categoriza uma classe “x” (o rico, bem sucedido, reconhecido e com status social) como referência para modos de agir. Siqueira e Cardoso (2011) citam que, para Melo (2000, p.2), o “social anula a individualidade e determina o modelo que interessa para manter o padrão de poder e anula todos os que rompem ou tentam romper com o modelo social”. Assim, aquele que não se encaixa no status quo do bem sucedido, se transforma naquele que é tido como o “vagabundo”, evidenciado nas falas citadas acima dos participantes da pesquisa.

4 CONCEITOS SOBRE REPRESENTAÇÕES SOCIAIS

Nós, enquanto seres sociais, necessitamos de meios com os quais vão possibilitar nossos relacionamentos em sociedade. E nós próprios somos os criadores de tais meios. Nossa vida é constituída por símbolos, significações, valorações, imagens, ideologias, etc, que irão permear todo o nosso contexto de socialização e vão se constituir como tais meios de comunicação e socialização. Contudo, ao mesmo tempo em que esses elementos são criados por nós, nós também o reproduzimos, na grande maioria dos casos de forma até instantânea, e os repassamos no cotidiano como meios já intrínsecos aos nossos ambientes de vida em sociedade.

Desse modo, podemos dizer que para cada indivíduo essa gama de elementos será captada e interpretada de modo individual para cada um deles, entretanto tais interpretações estarão perpassadas e influenciadas por todo o contexto ao qual este sujeito está inserido; necessitando assim serem levados em consideração fatores como o ambiente social, histórico, cultural, biológico e perceber estas interpretações como um resultado de fatores internos e externos ao sujeito.

Nesse sentido, cada indivíduo cria suas representações sociais, como forma de mediar os meios pelos quais estes se comunicam e se relacionam com os outros e com os objetos no mundo. Sendo assim,

(...) sempre há a necessidade de estarmos informados sobre o mundo à nossa volta. Além de nos ajustar a ele, precisamos saber como nos comportar, dominá-lo física ou intelectualmente, identificar e resolver os problemas que se apresentam: é por isso que criamos representações. Frente a esse mundo de objetos, pessoas, acontecimentos ou ideias, não somos (apenas) automatismos, nem estamos isolados num vazio social: partilhamos esse mundo com os outros, que nos servem de apoio, às vezes de forma convergente, outras pelo conflito, para compreendê-lo, administrá-lo ou enfrentá-lo. Eis por que as representações são sociais e tão importantes na vida cotidiana. Elas nos guiam no modo de nomear e definir conjuntamente os diferentes aspectos da realidade diárias, no modo de interpretar esses aspectos, tomar decisão e, eventualmente, posicionar-se frente a eles de forma defensiva. (JODELET, 2001, p.11)

Com isso, temos que o conceito de Representações Sociais se perfaz por ser um fenômeno e uma forma de compreensão das concepções dos sujeitos sobre o mundo, resultantes de suas histórias de vida nos âmbitos individual e coletivo, bem como interações junto ao ambiente e objetos que se relacionam, que vão fundamentar as formas de comunicação e relações dos indivíduos em sociedade. Portanto, “as representações sociais são conhecimentos práticos que se desenvolvem nas relações do senso comum, são formadas pelo conjunto de ideias da vida cotidiana, construída nas relações

estabelecidas entre sujeitos ou através das interações grupais” (MOSCOVICI, 2002 *apud* SANTOS; DIAS, 2015, p. 175).

Contudo, precisamos conceber as representações sociais tanto quanto produto como processo da atividade que ocorre com os indivíduos ou grupos, em que a realidade é estruturada tanto pela atribuição de significados e significações tanto pela confrontação destes como forma de elaboração de novos, quanto para reafirmação destes como verdade. Dessa maneira, as RS enquanto produto referem-se ao conhecimento de senso comum, sendo este as interpretações e atribuições que vão permear a comunicação e conduzir os comportamentos dos indivíduos em relação ao objeto que estiver em questão. Já as RS como processo, vão abordar como estas são construídas, experienciadas e incorporadas de modo que se tornem consensuais entre grupos e indivíduos. (CRUSOÉ, 2004)

Podemos assim dizer que as RS não se formam exclusivamente pela experiência individual, mas também pode o contexto social contribuir para legitimá-las e propagá-las. Com isso, os indivíduos ou grupos vão tanto construí-las como se expressar por elas próprias (RS), onde estruturam suas visões e atribuições particulares do objeto que estão representando.

“Estas definições partilhadas pelos membros de um mesmo grupo constroem uma visão consensual da realidade para esse grupo. Esta visão, que pode entrar em conflito com a de outros grupos, é um guia para as ações e trocas cotidianas - trata-se das funções e da dinâmica sociais das representações” (JODELET, 2001, p. 07).

Assim, podemos dizer que, por mais que hajam conflitos e divergências nas formas existentes em que os sujeitos vêem o mundo, são essas formas que sustentam e dão coesão para que grupos de percepções e/ou interesses em comum tenham a adesão de que precisam para continuarem existindo.

4.1 Representações Sociais sobre o uso da maconha

Falar em Cannabis refere-se a uma discussão antiga, à qual diversos segmentos institucionais, seja família entendida também como sociedade civil, escola, igreja, Estado, ou a própria mídia como um meio “institucional” e influenciador de opiniões, inclinam-se a ter concepções do que poderiam tender a caracterizar a maconha como algo apenas desfavorável para a vida dos sujeitos.

Podemos assim, tentar analisar como as representações que partem de um coletivo ou mesmo de um individualismo e perpassam pelas relações sociais podem, a

partir das variadas representações, ser modificadas e categorizantes – e mesmo deterioradas. Assim percebendo como as Representações Sociais se constroem dentro de um contexto que pode construí-la por concepções negativas e incorporadas nas relações entre os sujeitos.

Além disso, há certa diferença de considerações sociais quando este sujeito não se encaixa nesse status colocado, e é nesse sentido que se observam as representações empregadas sobre uma identidade atribuída ao usuário, uma vez que usa uma droga mais estigmatizada e que se segrega das que são lícitas, quando se expressa por ser aquele que, por usar tal substância, é visto como, por exemplo, o viciado que fará de tudo para manter este vício, inclusive roubar e matar.

Isso é percebido presente em um trecho do discurso de uma das entrevistadas, R. M. V. (22 anos), quando feita a mesma pergunta do sujeito supracitado, “Como você vê/acha/avalia a vida de alguém que utiliza maconha?”:

“(...) Por que quando a pessoa usa maconha, ela vai ficar viciada, ela muda, eu acredito que ela muda com as pessoas na casa dela, até pelo fato que geralmente, é, se ela não tiver dinheiro ela vai começar a roubar, até por que se ela começar a usar a droga ela vai acabar com esse dinheiro comprando e vai precisar de mais pra comprar mais e mais e mais e, eu acho que a pessoa quando tá viciada, ela passa pouco tempo do dia boa, e a maior parte viciada, então até o vínculo com as pessoas dentro de casa, com as pessoas que ela conhece, vão se acabando, vão mudando, enfim, eu acho que a vida dela começa a se tornar a droga, a droga começa a comandar a vida dela e isso na verdade não é uma vida, não é vida você não ter mais autonomia sobre si mesmo, só a droga conseguir mandar em você, é por isso que eu acho que a vida da pessoa começa a desmoronar, por que começa a sair dos eixos. A vida dela começa a desmoronar e das pessoas ao redor dela, por que a pessoa que convive também vai sentir.”

“Os indivíduos estabelecem formas de pensar e explicar os fatos, os objetos etc., criando teorias, produzindo conhecimentos, elaborando os temas que fazem parte do universo de cada um e de todos, interpretando a realidade segundo a sua perspectiva e suas experiências. Por meio do conhecimento cotidiano, do senso comum, os homens veiculam e compartilham ideias, pensamentos, dando nova forma ao conhecimento científico. Essas interpretações se manifestam por meio de falas, gestos e comportamentos.” (MORAES; SOUZA; PINTO; ESTEVAM; MUNHOZ, 2014, p. 04-05).

Diante disso, esta identificação do sujeito como descrito acima não impacta somente as relações sociais do cotidiano, mas toca o sujeito em um âmbito mais profundo. Isto diz de uma categorização que leva a um engessamento de ideais, que impedem o fato de ser analisado com mais acuidade para a elaboração de questionamentos em relação com o problema.

Necessitamos ter a sensibilidade de perceber em qual contexto social se encontra o sujeito da entrevista e de que forma este pode influenciar suas concepções, assim como as próprias relações deste sujeito com o mundo.

Assim, a representação social do uso da maconha, que faz parte do cotidiano social, recebe significados em conformidade com os grupos de pertença e o contexto social no qual se encontram inseridos. Além disso, esses significados são resultantes da interação entre o senso comum e o conhecimento erudito, na qual existe uma relação de influência mútua e permanente entre estes dois universos, resultando numa diversidade de significados que circulam através dos meios de comunicação formais e informais, assimilados e reelaborados socialmente. (COUTINHO, ARAUJO, GONTÉS, 2004, p. 471)

É também nesse sentido que se configuram as representações empregadas sobre um perfil/identidade atribuído ao usuário, uma vez que usa uma droga mais estigmatizada, por se segregar das que são lícitas e socialmente aceitas, que se expressa por ser aquele que, por usar tal substância, caracteriza-se como indicador de risco para a sociedade, pois nesse sentido, é visto como o detentor de influências negativas às pessoas consideradas “normais” pela sociedade, o *viciado* que fará de tudo para manter este vício, inclusive roubar e matar; se representa também por ser aquele indivíduo egoísta que destrói uma família uma vez que utiliza a droga, ou aquele sujeito desestruturado que não obtém conquistas em sua vida e por isso caiu no vício.

“Dessa forma torna-se viável reconstruir os próprios valores sobre a ‘substância psicoativa’, distanciando-se daqueles valores reproduzidos no senso comum, que tendem a categorizar a cultura da droga como indistintamente negativa.” (SOUSA, 2013, p. 08)

“Contudo, é um erro concluir que as representações sociais se resumem em meras opiniões, mitos, pareceres etc., pois são conhecimentos desenvolvidos pelo grupo e que se cristalizaram ao longo do tempo; é a construção social da realidade, que emana da sociedade e para ela volta.” (MORAES; SOUZA; PINTO; ESTEVAM; MUNHOZ, 2014, p. 20)

E diante disso, é preciso levar em consideração também o papel dos diversos meios de comunicação, tanto mídia quanto conhecimento formal e informal repassado nos ambientes dos sujeitos, pois podem exercer significativa influência no modo como é vista a droga e o usuário de maconha. Não se quer dizer, com isso, que tudo pode estar obscurecido com ideias negativas, mas o olhar direcionado a todas as informações que nos são destinadas não devem ser aceitas como verdades absolutas, mas sim abrir margens para questionamentos sobre o tema. Pois,

as instâncias ou substitutos institucionais e as redes de comunicação informais ou da mídia intervêm em sua elaboração, abrindo caminho para processos de influência e até mesmo de manipulação social – constataremos que se trata de

fatores determinantes na construção representativa. Estas representações formam um sistema e dão lugar a teorias espontâneas, versões da realidade encarnadas por imagens ou condensadas em palavras, por palavras, umas e outras carregadas de significação – concluiremos que se trata de estados apreendidos pelo estudo científico das representações sociais. Finalmente, por meio dessas várias significações, as representam expressam aqueles (indivíduos ou grupos) que as forjam e dão uma definição específica ao objeto por elas representado. (GLERIAN *apud* JODELET, 2015, p. 21)

Podemos elucidar neste momento, o quanto o capitalismo está intrincado nesses elementos constitutivos da comunicação, se não na própria forma de comunicação. Assim, podemos tomar o capitalismo como fator essencial na construção da nossa realidade de dominação, pois tal sistema é o que está vigente e intrínseco em nossa formação como sujeitos, ou seja, este se perdura até hoje como inerente às nossas vidas e formas de viver.

Vemos a exposição do cigarro de nicotina, por exemplo, facilmente associado como algo comum ou até mesmo como algo luxuoso, como no caso das propagandas que eram permitidas na TV, tendo sua exposição livremente na mídia associado a um hábito comum pelo fato de ser uma droga lícita e portanto, não sendo relacionado a pessoas de más índoles, por exemplo e inclusive sendo considerado como uma droga até “melhor” que a maconha: Feita a pergunta para a entrevistada C. M. S. F. (21 anos): Como você se sentiria caso soubesse que alguém próximo a você utiliza maconha? *“Eu iria perguntar se ta fazendo mal a ela, se ela dissesse que não, ai eu só diria que não misturasse com outras drogas ou então deixasse de usar ela, por exemplo substituir ela pelo cigarro né, por que tem a maconha, ai pra diminuir usaria o cigarro, até deixar o vício.”*

Enquanto isso, a participante D. G. A. P. (44 anos) relata na Observação Participante realizada: *“Ah, é só o que a gente vê por ai né, tem direto na TV, o jornal das seis mostra, um bando de bandido que é maconheiro, apreendido com maconha, tem até homem que mata né, pra pode usar a maconha véa dele. Não acho que a maconha seja boa de jeito nenhum, e quem usa é fraco, é só bandido”*, mostrando como a maconha é, muitas vezes, passada ao receptor de informações veiculadas na mídia.

Em nosso contexto, a mídia possui um papel significativo para estabelecer, por exemplo, quais serão as concepções, produtos bons ou ruins, serviços que devem ser utilizados, elementos que fazem mal a saúde e assim, estabelecendo também como a droga deve ser vista, mostrando e condicionando às pessoas uma realidade que faz acreditarem ser única, apesar, entretanto, de acharmos que as informações as quais recebemos em casa através desses meios, como televisão, jornais, rádio e até mesmo nas

redes sociais, tem um teor neutro e imparcial a respeito dos produtos, notícias, conhecimentos e opiniões que nos são veiculados.

Assim, valendo-se aqui das diferentes mídias existentes em nosso cotidiano, temos que estas podem, tanto favorecer como prejudicar diversos segmentos da sociedade, inclusive a concepção de droga e de usuário, como vemos na fala da participante citada anteriormente. “Deste modo, uma representação social não pode ser compreendida como processo cognitivo individual, uma vez que é reproduzida no intercâmbio das relações e comunicações sociais” (ARAUJO; CASTANHA; BARROS; CASTANHA, 2006, p. 829).

5 ESTEREÓTIPOS SOBRE OS USUÁRIOS DE MACONHA

Como vem sendo discutido, muitas são as visões e ideais existentes do sujeito que utiliza a maconha, além disso, é necessário levar em consideração o papel que os diversos segmentos exercem na construção destas, podemos citar tanto a mídia, como religião, a educação do proibicionismo às drogas por parte do Estado; estes por sua vez formam as representações sociais que são engendradas nas relações intra e interpessoais e que fazem se reproduzir, assim, estereótipos negativos sobre o usuário da maconha. Alguns destes estereótipos definem os usuários como “vabagundos”, preguiçosos, que não querem nada com a vida, que não merecem confiança, que são criminosos, etc, como percebidos até mesmo anteriormente por meio da fala de alguns entrevistados.

Entretanto, o que muito ocorre é que estes discursos sobre os usuários de maconha que muitas pessoas constroem e reproduzem, são sem bases em algum tipo de informação concreta, ou seja, sem fontes muitas vezes confiáveis e com fundamentações engessadas e inflexíveis, gerando assim achismos que são empobrecidos, mas levados a sério por grande parcela da população. Para Link & Phelan (2001), rotulação é o processo social de eleger uma determinada característica e aplicá-la a alguém, não indicando, necessariamente, que este indivíduo a possua. É a partir dos rótulos empregados às pessoas estigmatizadas que os estereótipos são criados, gerando, assim, o processo de estereotipação (SIQUEIRA; CARDOSO, 2011).

Soma-se então com a necessidade que os sujeitos têm de categorizar tudo aquilo que existe e ocorre no mundo, como forma de estabelecer relações de pertença a um grupo e se distinguir daquilo que lhe é diferente, ocorrendo isso de forma subjetiva e até mesmo automática. Um dos combates a essa questão pode ocorrer a partir do momento em que se há a refutação de explicações convencionais do senso comum tidas como verdades confiáveis e de serem seguidas.

Contudo, foi possível também se verificar em campo, os discursos que perpassam as questões do uso da substância e de seus usuários, na visão desses próprios usuários. Destoante do que é trazido nos discursos anteriores, F. E. P. J. (24 anos) relata sobre a vida de um usuário: *“Normal, como qualquer outra. Não atrapalha, eu faço tudo, trabalho, estudo, fumando ou não, se eu tiver fumado ou não antes de trabalhar eu faço tudo normal”*. E W. F. P. J. traz *“Uma vida bem comum, a única coisa que tem fora do comum é o pensamento dos outros que tem sobre quem usa. Acho que isso atrapalha, por que quando se tem a discriminação, muda o clima. Quando você expõe que você fuma*

maconha”. O que, de certa forma, confirma a consideração de que diversos tipos de estereotipações podem afetar a vida do sujeito usuário.

Já em uma das observações participantes, foi possível apreender com menos restrições como essas caracterizações dos não usuários perpassam o campo da fala sem nenhum tipo de ponderamento, ao contrário talvez das entrevistas. Vemos:

“Ahh, eu acho a maconha uma coisa muito ruim ne, qualquer droga é ruim. Já pensou (...) os jovens de hoje não sabem mais o que é bom ou ruim, certo ou errado, quer viver do jeito deles e pronto; acho que esse povo que usa isso, deveria criar vergonha na cara, tomar jeito e virar uma pessoa normal ne, como todo mundo (...) usa maconha e depois já vai querer usar outra coisa!” (M.R.R.V., 41 anos)

Contudo, uma das percepções foi a de que há certas incongruências sobre os conceitos do uso da maconha e de seu usuário por parte de um social; esses conceitos vêm agregados de estereótipos, de falta de conhecimento sobre o assunto em si, colocando o usuário e a droga em posições inadequadas para o convívio social. Entretanto, quando ela é evidenciada, por exemplo, em outros meios, como o meio artístico, citado por um entrevistado, isso tende a influenciar de certa forma as concepções do que seria o usuário de maconha.

Pode-se então assim dizer que

“Os estereótipos possibilitam categorizar rapidamente os indivíduos com base em informações simples e acessíveis que permitem minimamente classificá-lo como pertencente a um grupo. Tal simplificação reduz a complexidade das interações sociais auxiliando nos processos de formação de impressão e previsão de comportamento (Michener et al., 2005; Rodrigues et al., 2005 *apud* SILVEIRA; SOARES; NOTO; RONZANI, 2013, p. 03)

“Contudo, na maior parte das vezes, tais informações acabam por serem super generalizadas, caracterizando todos os indivíduos de um grupo em função de um único atributo tido como típico do grupo, a despeito das diferenças individuais.” (SILVEIRA; SOARES; NOTO; RONZANI, 2013, p. 03)

5.1 O estigma do maconheiro e o sentimento de exclusão

As Representações Sociais são fundamentais como meios de entender o processo de construção das concepções em torno das relações que se estabelecem no coletivo e individual, nesse sentido, as relações entre usuários e não usuários de maconha; estas mostram a influência de vários âmbitos da sociedade e instituições sobre as formulações e conhecimentos do que seriam a droga e seu usuário, bem como norteiam uma compreensão melhor das relações que ocorrem no mundo.

Diante da reflexão traçada, torna-se indispensável não trazer para a pesquisa a noção de estigma e o processo de estigmatização que ocorrem ao problema em questão, e que decorrem das representações sociais que são construídas, além de como estes estão presentes nas relações descritas de usuários/não-usuários de maconha.

O termo “estigma” é antigo e era uma expressão utilizada na Grécia Antiga para denominar as marcas de ferro deixadas nos corpos de infratores e criminosos da época para designar aqueles que deveriam ser julgados e descartados socialmente pelos atos que estes cometiam e que eram considerados errados. “Esta prática pode ser considerada como uma manifestação comportamental dos processos mais gerais da estigmatização – o ato de marcar um indivíduo como portador de uma característica negativa tão desmoralizada que impede outras visões do indivíduo, reduzindo-o apenas ao que sua marca significa (NEUBERG, SMITH, & ASHER, 2003 *apud* SILVEIRA; SOARES; NOTO; RONZANI, 2013, p. 01).

O conceito de estigma que vem sendo tratado no trabalho tem base nos estudos, formulações e conceituações do antropólogo e sociólogo Erving Goffman, que traz a noção de estigma como não sendo propriamente o atributo em si ao qual um sujeito pode possuir, mas a relação que há nas estereotipações que tornam esse atributo depreciativo e passa a influenciar as relações sociais de forma que torne o sujeito – que possui o atributo – estragado e diminuído. Ou seja, “o termo estigma, portanto, será usado em referência a um atributo profundamente depreciativo, mas o que é preciso, na realidade, é uma linguagem de relações e não de atributos” (GOFFMAN, 2004, p. 06)

Sendo assim, há para Goffman, duas identidades atribuídas às pessoas estigmatizadas: uma *real* e outra *virtual*. A *real* se caracteriza por ser aquela que corresponde a todos os atributos e categorias que um sujeito realmente possui e prova possui-los. Já a *virtual* são os atributos e categorias que os *normais* (que, segundo Goffman, são os que não são estigmatizados) esperam que sejam e acham que deveriam ser o novo sujeito que surge em seu contexto. “Deste modo, uma dada característica pode ser um estigma, especialmente quando há uma discrepância específica entre a identidade social virtual e a identidade social real.” (SILVEIRA; SOARES; NOTO; RONZANI, 2013, p. 14).

O processo de estigmatização, então, se daria através do prejuízo que sofre o sujeito que possui o atributo considerado negativo, que não se encaixa no padrão da norma

imposta pela sociedade ou pelo grupo estigmatizante e que assim, compromete sua identidade social e também lesiona sua interação social. Além disso,

“Através dos estudos de Goffman (1975), pode-se perceber que ser estigmatizado sempre tem consequências não benéficas para a vida do indivíduo. Independente da circunstância que propicia a constituição do estigma (...), o indivíduo sofre efeitos ruins, de um modo geral e complexo em sua vida por ser estigmatizado e, ainda, cria mecanismos para lidar com este processo, seja de escape, negação ou amenização. Sua identidade real sofre deteriorizações por não se incluir no que a sociedade institui como normal e natural, gerando, então, um imenso descrédito deste indivíduo, reduzindo-o a uma pessoa estranha e estragada, não tendo assim, uma aceitação social completa.” (SILVEIRA; SOARES; NOTO; RONZANI, 2013, p. 21)

A partir disso, e trazendo a questão dos usuários de maconha sob a ótica do não usuário, percebe-se que em uma considerável parcela do social continua havendo a rotulação do uso e do usuário como o anormal e vagabundo, atribuindo sempre significações negativas e que, como percebemos, foram modificadas ao longo dos anos. Com isso, podemos salientar também o conceito de estigma para Ainlay, Coleman & Becker (1986) *apud* SILVEIRA; SOARES; NOTO; RONZANI (2013), que trazem que este é

uma construção social, onde os atributos particulares que desqualificam as pessoas variam de acordo com os períodos históricos e a cultura, não lhes propiciando uma aceitação plena social. Deste modo, as pessoas são estigmatizadas somente num contexto, o qual envolve a cultura; os acontecimentos históricos, políticos e econômicos e uma dada situação social, ou seja, a estigmatização não é uma propriedade individual. (p. 19)

Podemos observar a realidade desses sujeitos estigmatizados no que tange às atitudes dos não usuários para com eles: “Como você se sentiu/reagiu/reage quando descobriu que alguém próximo a você utiliza maconha?”, J. C. A., 23 anos respondeu:

“Não gostei, mantenho distância, não quero conversa, evito em todas as formas, não gosto. Por que eu não me sinto bem, não sou contra, mas uma coisa é a pessoa que usa 24 horas, eu não me sinto bem, eu não gosto, não sou nada contra, mas eu não gosto do uso. Respeito, mas não gosto. Prefiro manter distância. Com certeza faz mal, se não fizesse mal taria liberado pra todo mundo usar ou então seria a cura de alguma coisa, e não é.”

Outro fator relevante percebido nas entrevistas fora a presença, na maioria dos discursos dos sujeitos não usuários, de uma tentativa de posturas não preconceituosas ou estigmatizantes, em que o fato de pessoas utilizarem a substância não as caracterizava como alguém “menosprezado” ou subjugado, mas apenas diferente. O que torna fundamentalmente questionável essa incongruência entre a fala dos não usuários e sobre o que é sentido por parte dos sujeitos que utilizam a maconha. Pois, como foi colocado, há uma percepção diferente dos usuários quando se pensam no que “recebe” desses outros

sujeitos, há também uma afetação, e isso se acentua quando os grupos fazem parte do mesmo contexto social.

Além disso, quando se pensa em um sujeito comum, observa-se essa necessidade de “mascarar” o preconceito, por parte do Outro, como forma de representar para a sociedade algo que não está de fato sendo concretizado na prática social; ou seja, o fato de relatarmos uma suposta indiferença para com o usuário e que não há preconceito, não torna inexistente o estigma que estão sofrendo os usuários: F.E.P.J. (26 anos) traz para a pergunta “Como você acha que as pessoas, a sociedade, vê o usuário de maconha?”: *“Como um cara descartado da sociedade né, como um cara que é vagabundo (...)”*, ou mesmo W.F.P.J. (24 anos) *“Como uma pessoa, como se fosse uma pessoa incapaz, que não tem credibilidade, que não vale a pena dá confiança a essa pessoa, que é vagabundo, e na verdade não é, tem gente, como eu, que trabalho e estudo, e a maconha nunca me deixou de fazer nada.”*

Confirmamos então que “os estigmatizados possuem uma marca, significando então que, sua identidade social é deteriorada para conviver com os outros. (SILVEIRA; SOARES; NOTO; RONZANI, 2013, p. 10). Para tanto, torna-se necessário considerar, assim, que a substância do presente estudo (maconha), não será o elemento determinante do modo pelo qual os sujeitos agem e irão agir no mundo e perante ao seu uso; ou seja, o sujeito não será meramente aqueles efeitos que a substância proporciona, mas sim, cada sujeito irá significá-los, de acordo com sua história de vida.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao dirigirmos o olhar para um público que transgride uma das normas e padrões postos na sociedade, uma vez que se constituem como usuários de uma droga ilícita em nosso país, é imprescindível não nos utilizarmos dos conceitos de Representações Sociais e de estigma e estigmatização, pois percebemos que há uma associação do usuário dessa substância a atributos tidos na sociedade como ruins e que, entretanto, na grande maioria das vezes tais atributos não tem relação com o que de fato há na realidade; estes sujeitos usuários então são afetados tanto com os estereótipos que se formam através de RS quanto com a estigmatização que sofrem.

Percebemos assim que estudar conceitos sobre Representações Sociais permite uma melhor compreensão de como se formam as percepções e ideias e de como estas vão sendo fixadas e perpassadas no cotidiano dos sujeitos. E assim, que “tal processo permite a compreensão, manipulação e interiorização do novo, juntando-o a valores, ideias e teorias já assimiladas, preexistentes e aceitas pela sociedade. É possível encontrar o hiato entre o que se sabe e o que existe, a diferença que separa a proliferação do imaginário e o rigor do simbólico.” (MOSCOVICI, 1978, p.67 APUD MORAES, SOUZA, PINTO, ESTEVAM, MUNHOZ, 2014).

Ao longo da presente pesquisa discutimos a relação estreita que tem estes conceitos com o objeto da mesma e para tanto, foi possível constatar que as Representações Sociais desses sujeitos se perfaz por caracterizações negativas dentro de um social que difunde tais categorizações e estereótipos. Nesse sentido, a mídia está estreitamente ligada a questão de como os usuários de maconha são vistos e que uma grande parte do social, reproduz as ideias que são veiculadas por ela.

Podemos assim destacar o quanto a estigmatização é de fato vivenciada na realidade desses sujeitos, e que isso é presente em seus discursos uma vez que se sentem diferentes de uma parcela que é dita “normal”, apesar entretanto de observamos nos discursos de alguns dos entrevistados não usuários a tentativa de velar uma postura de preconceito e assim, estigmatizante.

O presente trabalho pretendeu reforçar a importância dos estudos acerca da realidade de usuários de maconha para que o fenômeno seja compreendido em sua totalidade e de forma complexa, não apenas como um fenômeno isolado, contribuindo assim para encarar a questão olhando o sujeito como ele próprio e não aquele que se utiliza da droga. Assim, considera-se que não *abrir os olhos* para essa problemática

contribui para manter engessados os pensamentos e práticas que levam à solidez das representações criadas e mantidas sobre os usuários e conseqüentemente à estigmatização desses sujeitos que são apenas sujeitos, como todos nós em sociedade.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, L. F., CASTANHA, A. R., BARROS, A. P. R. B., CASTANHA, C. R. **Estudo das representações sociais da maconha entre agentes comunitários de saúde.** Programa de Pósgraduação em Psicologia Social, Departamento de Psicologia, Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, UFPB. Cidade Universitária, Campus I, Conjunto Castelo Branco, 58059-900, João Pessoa - PB, 2006.

BOITEUX, L., CHERNICHARO, L. P. **Da folha de coca à cocaína: os direitos humanos e os impactos das políticas internacionais de drogas nas políticas internacionais de drogas nas populações nativas da Bolívia.** Rio de Janeiro. 2010.

BRANDÃO, M. D. **Ciclos de atenção à maconha no Brasil.** Revista da Biologia (2014) 13(1):1-10. Universidade Federal de Pernambuco, Recife. 2014.

CARLINI, E. A. **A história da maconha no Brasil.** Centro Brasileiro de Informações sobre Drogas Psicotrópicas (CEBRID); Departamento de Psicologia da Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP). São Paulo, 2006.

COUTINHO, M. P. L., ARAÚJO, L. F., GONTÉS, B. **Uso da Maconha e suas Representações Sociais: Estudo Comparativo entre Universitários.** Psicologia em Estudo, Maringá, v. 9, n. 3, p. 469-477, set./dez. 2004.

CRUSOÉ, N. M. C. **A Teoria das Representações Sociais em Moscovici e sua Importância para a Pesquisa em Educação.** APRENDER - Cad. de Filosofia e Pisc. da Educação. Vitória da Conquista. Ano II. n. 2. p. 105-114. 2004.

DIAS, J. C.; PINTO, I, M. **Substâncias psicoativas: classificações, mecanismos de ação e efeitos sobre o organismo.** In: SILVEIRA, D. X.; MOREIRA, F. G. **Panorama atual de drogas e dependências.** São Paulo: Atheneu, 2006. p. 39-49.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social.** - 6. ed. - São Paulo. Editora Atlas S.A., 2008.

GOFFMAN, E. **Estigma - Notas sobre a manipulação da identidade deteriorada.** Tradução de Mathias Lambert. 4. ed. São Paulo. 2004.

JODELET, D. Representações Sociais: um domínio em expansão. In: JODELET, D. (Orgs.) **As representações sociais.** Rio de Janeiro. Eduerj, 2001. P. 17-44.

MACRAE, E.; SIMÕES, J. **A subcultura da maconha, seus valores e rituais entre setores socialmente integrados.** In; BAPTISTA, M. et al. **Drogas e Pós-modernidade: faces de um tema proscrito.** Rio de Janeiro – RJ: Editora da UERJ, 2003. pp. 95-107.

MINAYO, M. C. S. **O desafio do conhecimento: Pesquisa qualitativa em Saúde.** 11 ed. São Paulo: Hucitec, 2008.

MORAES, P. R., SOUZA, I. C., PINTO, D. A. O., ESTEVAM, S. J., MUNHOZ, W. A., **A teoria das representações sociais.** São Paulo. 2014.

NEVES, J. L. **Pesquisa Qualitativa - Características, usos e Possibilidades.** Caderno de Pesquisas em administração, São Paulo, V.1, n. 3, 1996. Disponível em: <<http://www.ebah.com.br/content/ABAAAfckcAC/artigo-caracteristica-usos-possibilidades>>. Acesso em: jan. 2017

OLIVEIRA, I. B. S. **Tecendo Saberes: Fenomenologia do Tratamento da Dependência Química.** 2007. 110 p. Dissertação (Mestrado) - Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Pará, Belém.

PRATTA, E. M. M., SANTOS, M.A. **O processo de saúde doença e a dependência química: interfaces e evolução. Psicologia: Teoria e Pesquisa.** v. 25 n. 2, p. 203-211, 2009.

QUINDERÉ, P. H. D. **A experiência do uso de crack e sua interlocução com a clínica: Dispositivos para o cuidado integral do usuário.** 2013. 231 p. Tese (doutorado) - associação ampla Universidade Estadual do Ceará, Universidade Federal do Ceará e

Universidade de Fortaleza, Centro de Ciências da Saúde, Curso de Doutorado em Saúde Coletiva, Fortaleza.

RIBEIRO, C. T. **Que lugar para as drogas no sujeito? Que lugar para o sujeito nas drogas? Uma leitura psicanalítica do fenômeno do uso de drogas na contemporaneidade.** *Ágora: Estudos em Teoria Psicanalítica*. vol. XII. núm. 2. 2009. pp. 333- 346.

ROCHA, A. L. C.; ECKERT, C. **Etnografia: Saberes e práticas.** Porto Alegre: Editora da Universidade. N. 21 (2008), 23 p.

RONZANI, T. M. **Ações integradas sobre drogas: prevenção, abordagens e políticas públicas.** Telmo Mota Ronzani. In: Silveira, P.S., Soares, R. G., Noto, A. R., & Ronzani, T. M. Capítulo 10: Estigma e suas consequências para Usuários de Drogas. Juiz de Fora. Editora UFJF. 447p. 2013.

SANTOS, B. S., ANTUNES, D. D. **Vida adulta, processos motivacionais e diversidade.** Porto Alegre/RS, ano XXX, n. 1 (61), p. 149-164, jan./abr. 2007.

SANTOS, G. T. S., DIAS, J. M. B. **Teoria das representações sociais: uma abordagem sociopsicológica.** PRACS: Revista Eletrônica de Humanidades do Curso de Ciências Sociais da UNIFAP. ISSN 1984-4352 Macapá, v. 8, n. 1, p. 173-187, jan.-jun. 2015.

SIQUEIRA, R. C., CARDOSO, H. R. **O conceito de estigma como processo social: uma aproximação teórica a partir da literatura norte-americana.** *Imagonautas*, v. 2, n. 1, p. 92-113, 2011.

SOUSA, Y. S. O. **Maconha e representações sociais: a construção discursiva da cannabis em contextos midiáticos.** 2013. Recife. 127 f. Tese: Mestrado em Psicologia. Universidade Federal de Pernambuco, Recife. 2013.

SOUZA, M. R., SOUZA, C. R., DAHER, C. M. S., CALAIS, L. B. **Juventude e drogas: uma intervenção sob a perspectiva da Psicologia Social.** Pesquisas e Práticas Psicossociais, 10(1), São João del-Rei, janeiro/junho 2015.

SUGASTI, C. D. S. **Reflexões preliminares sobre a descriminalização da maconha no Brasil.** 2013. 70 F. Trabalho de Conclusão de Curso – Universidade de Brasília, Brasília. Trabalho de Conclusão de Curso – Universidade de Brasília, Brasília.

WACHELKE, J. F. R. CAMARGO, B. V. **Representações Sociais, Representações Individuais e Comportamento.** Revista Interamericana de Psicología/Interamerican Journal of Psychology - 2007, Vol. 41, Num. 3 pp. 379-390

APÊNCICES

APÊNDICE A: Termo de Consentimento Livre e Esclarecido aos Usuários e Não - Usuários de Maconha.

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Prezado participante:

Sou estudante do curso de graduação de Psicologia, na Universidade Federal do Ceará – Campus Sobral. Estou realizando uma pesquisa sob supervisão da Prof.a. Dra. Francisca Denise Silva do Nascimento, cujo objetivo é absorver e compreender as percepções acerca das questões em relação ao uso e usuário de maconha.

Sua participação envolve uma entrevista, com tempo livre e que será gravada, se assim você permitir. A participação nesse estudo é voluntária e se você decidir não participar ou quiser desistir de continuar em qualquer momento, tem absoluta liberdade de fazê-lo.

Na publicação dos resultados desta pesquisa, sua identidade será mantida no mais rigoroso sigilo. Serão omitidas todas as informações que permitam identificá-lo(a), de modo que usaremos apenas os resultados da entrevista.

Mesmo não tendo benefícios diretos em participar, indiretamente você estará contribuindo para a compreensão do fenômeno estudado e para a produção de conhecimento científico.

Quaisquer dúvidas relativas à pesquisa poderão ser esclarecidas pela pesquisadora fone (88) 997142994 ou pela entidade responsável – Comissão de Ética da UFC, Portaria nº 3.677^a, fone (85) 33667905.

Atenciosamente,

Nome e assinatura do(a) pesquisador(a)

Local e data

Matrícula:

Nome e Assinatura do(a) professor(a) supervisor(a)/orientador(a)

Consinto em participar deste estudo e declaro ter recebido uma cópia deste termo de consentimento.

Nome e assinatura do(a) participante

Local e Data

APÊNDICE B: Roteiro de Entrevista Semiestruturada aos Usuários de Maconha

1. Qual a sua faixa etária?
2. Qual a sua renda mensal salarial?
3. Você é usuário de maconha?
4. O que você acha que compõe a maconha?
5. Qual a relação que há entre o consumo de maconha e uma vida considerada "normal" (cotidiana?), para você?
6. Como é a sua rotina unida ao uso de maconha?
7. Você acha que quem utiliza precisa de tratamento?
8. Alguém próximo a você sabe do seu uso?
9. Você já sofreu algum preconceito em relação a isso?
10. Você já se sentiu prejudicado em relação a isso?
11. Se sim, o que você faz em relação a essas situações?

APÊNDICE C: Roteiro de Entrevista Semiestruturada aos Não - Usuários de Maconha

1. Qual a sua faixa etária?
2. Qual sua renda mensal salarial?
3. Você é usuário de maconha?
4. O que você acha que compõe a maconha?
5. Qual a relação que há entre o consumo de maconha e uma vida "normal" (cotidiana?), para você?
6. O que você acha de quem utiliza essa substância?
7. Você acha que quem utiliza precisa de tratamento?
8. Alguém próximo a você utiliza maconha?
9. Como você se sentiria (sente)/o que faria (como lida), caso descobrisse que (tenha) alguém próximo a você utiliza maconha?
10. Você acha que álcool ou tabaco por exemplo são mais ou menos nocivos que a maconha?